

IV enanparq

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

TRÊS PUBLICAÇÕES DO IPHAN: DIÁLOGOS ENTRE FOTOGRAFIAS E PATRIMÔNIOS

Teoria e método em história da arquitetura e da cidade

Eduardo Augusto Costa
Pós-Doutoramento PNPd-CAPES / IFCH Unicamp
eduardocosta01@gmail.com

TRÊS PUBLICAÇÕES DO IPHAN: DIÁLOGOS ENTRE FOTOGRAFIAS E PATRIMÔNIOS

RESUMO

A criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN – e, conseqüentemente, a institucionalização de um serviço federal dedicado aos estudos e tombamentos do patrimônio brasileiro são decorrências diretas da identificação da fotografia enquanto documento legal passível de ocupar o lugar de prova de uma pretensa feição original dos bens. Tendo este entendimento como ponto central, esse artigo aborda três publicações editadas pelo IPHAN, onde a fotografia tem papel de destaque. Não se trata apenas de identificar tais publicações pelo simples fato do IPHAN tê-las editado, mas de reconhecê-las como objetos referenciais e organizadores dos modos de pensar a fotografia em sua relação com o patrimônio. Neste sentido, a distância temporal entre tais publicações contribui para que se possa avaliar certas mudanças discursivas, permanências, ruídos e outros aspectos quanto ao modo de pensar a fotografia na sua relação com os patrimônios no interior do IPHAN. Desta maneira, este artigo busca pensar não apenas nas fotografias, enquanto documentos intrínsecos às pesquisas dedicadas à história do patrimônio, mas também nos impressos, especialmente livros. Trata-se, essencialmente, de pensar sobre estas duas tipologias documentais – fotografia e livro – dentro das investigações científicas ligadas ao patrimônio.

Palavras-chave: Livros; Fotografia; Patrimônio.

THREE IPHAN'S PUBLICATIONS: DIALOGUE BETWEEN PHOTOGRAPHS AND HERITAGE.

ABSTRACT

The National Institute of Historic and Artistic Heritage - IPHAN - and the institutionalization of a federal service dedicated to heritage studies and classification are a directly understanding of the photograph as an legal document known as a proof of an original characteristic. This paper aim to discus three publications edited by the IPHAN, where the photographs has a prominent role. This is not only to point out such publications simply by fact that IPHAN published them, but identifies them as reference and organizer documents of the ways of thinking photographs in relation to the heritage. The temporal distance between such publications helps to evaluate certain discursive changes, continuities, noises and other aspects on how to think about photography in relation to the heritages in IPHAN. Thus, this paper aims to deal with not only with photographs, while intrinsic documents to researches devoted to the heritage studies, but also with the prints, specially the books. It is, essentially, to think about these two documents typologies – photo and book – in relation to the scientific research on heritage.

Keywords: Books; Photograph; Heritage.

As pesquisas dedicadas à fotografia já se encontram bastante consolidadas no Brasil, apesar dos inúmeros temas, coleções, arquivos e fotógrafos que ainda esperam por pesquisas e investigações. Diversos laboratórios, linhas de pesquisa, revistas universitárias, centros de memória, museus, institutos de preservação e outros órgãos independentes dão um breve panorama da extensa rede de pesquisadores e espaços dedicados às investigações fotográficas, que tiveram amplo investimento a partir dos anos 1980. Por outro lado, no que se refere ao patrimônio histórico, a fotografia é matéria que carece de aprofundamento, especialmente por se tratar de uma tipologia documental que mantém um lugar de destaque ao longo de toda a trajetória das instituições dedicadas a esta questão e, ainda, por ter ampla abrangência no que se refere ao território nacional e, também, por envolver um grande número de fotógrafos e instituições.

A criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN – e, conseqüentemente, a institucionalização de um serviço federal dedicado aos estudos e tombamentos do patrimônio brasileiro são decorrências diretas da identificação da fotografia enquanto documento legal passível de ocupar o lugar de prova de uma pretensa feição original dos bens. Ao contrário da identificação a outras expressões artísticas, como a pintura a óleo, a aquarela ou a gravura, até então muito utilizadas por museus e bibliotecas em busca de uma representação idealizada do passado (Lima & Carvalho, 1997; Magalhães, 2010), a fotografia foi caracterizada, desde o início das atividades do IPHAN, como instrumento imprescindível ao serviço de preservação, por ser compreendida como representação fiel de um real, como que um decalque ou máscara mortuária do bem a ser preservado. Foi somente a partir da atribuição destas características ao documento fotográfico que se pôde organizar uma instituição dentro de premissas modernas de preservação, o que significa dizer que o cotidiano das atividades do IPHAN foi acompanhado de um volume significativo de objetos fotográficos, utilizados de forma disseminada sobre mesas de trabalho, ampliados em suportes e formatos variados, associados à textos, relatórios, cadernos de obras, pareceres ou processos. A quantidade e a diversidade de fotografias são tamanhas que a história da fotografia brasileira pode ser reconhecida, em grande parte, através dos documentos fotográficos arquivados por esta instituição.

Se a fotografia tem sido um dos principais meios de manutenção das atividades do IPHAN, é oportuno identificar algumas passagens emblemáticas, responsáveis pela organização de conceitos e balizas que operam sobre a fotografia no interior deste Instituto dedicado ao patrimônio. Portarias, pautas, cartas, cadernos, séries fotográficas, aquisições e uma grande diversidade de documentos poderiam ser alçados a esta reflexão, dando um breve panorama do complexo conjunto de documentos necessários à identificação e compreensão de uma certa cultura fotográfica ou uma *cultura visual* (Meneses, 2003; Knauss, 2006; Schiavinatto & Costa, 2016) inerente a este Instituto. No entanto, se por um lado tamanho conjunto documental torna inglória uma abordagem concisa desta complexa rede em torno da fotografia no IPHAN, por outro, um pequeno conjunto de três publicações é capaz de

fornecer informações consideráveis sobre o lugar atribuído à fotografia por este Instituto, ao longo de sua trajetória.

O artigo 'A Fotografia no Brasil', publicado em 1953 e de autoria de Gilberto Ferrez (Ferrez, 1953 a); o número 27 da *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, publicado em 1998 e dedicado exclusivamente ao tema da fotografia (Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1998); e, finalmente, o número 4 dos *Cadernos de Pesquisa e Documentação do IPHAN*, publicado em 2008 e dedicado à "fotografia na preservação do patrimônio cultural" (IPHAN, 2008a) formam um conjunto de excepcional relevância para o entendimento da fotografia no interior do IPHAN. Apesar de alguns destes textos terem sido objeto de reflexões e avaliações – especialmente no caso da obra de Ferrez que, comumente, é identificada como o primeiro trabalho aplicado à história da fotografia brasileira (Kossoy, 1983; Vasquez, 1985) –, a associação entre eles ainda não foi tema de investigação. Essa questão se revela importante na medida em que se identifica que estas são as únicas publicações editadas pelo IPHAN com dedicação exclusiva ao tema da fotografia, caracterizando-as, portanto, como documentos contundentes das abordagens, valores e entendimentos associados à fotografia na sua relação com o patrimônio, num arco temporal de mais de meio século. É portanto oportuno identificar certas características e particularidades individuais e relacionadas de cada uma destas publicações, assinalando aspectos chaves para a compreensão da fotografia em diálogo com as noções de patrimônio.

1. A Fotografia no Brasil

O artigo publicado pelo historiador Gilberto Ferrez, no número 10 da Revista do IPHAN, nasceu como obra referencial aos pesquisadores de dentro e fora deste Instituto. Uma publicação homônima ao artigo da Revista foi editada, também pelo IPHAN, em forma de Separata (Ferrez, 1953 b), conservando-se integralmente suas dimensões, texto, diagramação e disposição das mesmas fotografias apresentadas. No entanto, não fica claro qual das duas publicações foi a primeira a ser editada. Se a Revista do IPHAN apresenta em sua terceira capa que a edição foi impressa em novembro de 1953, apesar da indicação do ano de 1946 em sua primeira capa¹, e, ao mesmo tempo, a Separata traz também indicado o ano de 1953 como data de publicação, não é possível afirmar qual das duas obras foi disponibilizada primeiramente. É possível que, por problemas financeiros, a publicação do número 10 da Revista tenha sofrido atraso, forçando o IPHAN a preparar um volume independente e exclusivo para este artigo, neste caso, impresso na "Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais LTDA", em São Paulo. No entanto, o que se pode concluir do lançamento simultâneo de duas publicações de um mesmo texto é que a sua importância e repercussão para as pesquisas e estudos eram amplas, tornando esta obra objeto imprescindível às atividades do IPHAN e as de outras instituições dedicadas à história e ao

¹ As revistas número 8, 9, 10 e 11 possuem discordância entre as datas assinaladas na primeira e terceira capa. Isto se deve, provavelmente, às mudanças na dinâmica de financiamento do IPHAN, decorrente de sua reestruturação com o fim do Estado Novo.

patrimônio. Compreende-se, portanto, que havia um grande interesse deste Instituto em disseminar as informações e reflexões apresentadas pelo historiador. Neste sentido, a leitura pormenorizada das características e desdobramentos deste objeto referencial fornece importantes indicações sobre o lugar da fotografia para as atividades associadas ao patrimônio no Brasil.

A narrativa construída permite identificar que a investigação realizada para este artigo foi ampla, envolvendo instituições do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco e São Paulo. A Biblioteca Nacional, a Biblioteca do Ministério de Relações Exteriores, Museu Imperial, Bibliotecas Municipais de Petrópolis e São Paulo, Museu Paulista e Mariano Procópio, Seção de Iconografia da Divisão de Documentação Social e Estatística de São Paulo, Diretoria de Documentação e Cultura do Recife, Instituto Histórico e Geográfico, Arquivo Nacional e uma série de coleções privadas dão a dimensão e a extensão do amplo levantamento realizado pelo autor. A amplitude deste trabalho pode também ser acompanhada através das referências bibliográficas destacadas pelo autor. Esta particularidade do trabalho de Ferrez o caracterizaria nos anos seguintes, quando uma grande massa documental viria a ser articulada entre bibliotecas e arquivos públicos e privados e mobilizada no extenso conjunto de publicações organizado pelo autor. Esta característica é fundamental para o entendimento da repercussão e alcance que tal obra viria a adquirir nos anos subsequentes e um dos prováveis motivos para que tal artigo fosse apresentado simultaneamente em duas publicações do IPHAN, o que, certamente, contribuiu para a difusão desta obra. Ao mobilizar tal conjunto de instituições e coleções, Ferrez não apenas organizava uma narrativa sobre “A fotografia no Brasil”, mas fornecia, em especial, caminhos possíveis para futuras e necessárias pesquisas a serem realizadas no país, especialmente no que se refere ao patrimônio e sua imagem. Este sim o real objetivo da publicação de Ferrez. Trata-se, portanto, do primeiro texto a indicar um conjunto representativo de instituições e coleções onde se poderiam realizar pesquisas, tendo a fotografia como suporte documental. Não por menos, alguns dos primeiros trabalhos referenciais dedicados à fotografia (Duncan, 1982; Kossoy, 1984; Vasquez, 1985) viriam a tomar como centro de suas investigações algumas das coleções e arquivos indicados por Ferrez. Assim, além de organizar uma narrativa para a fotografia no Brasil, o texto publicado pelo IPHAN estabeleceu um guia de pesquisa para os investigadores brasileiros. Tal fato é significativo frente ao lugar ocupado por este texto – a Revista do IPHAN –, numa perspectiva de sistematização dos estudos e pesquisas ligados ao patrimônio. Mas vale destacar que, se esta obra é pioneira ao indicar um grande leque de instituições passíveis de investigações, ela ainda é organizadora de um conjunto de artistas fotógrafos e temáticas associados à fotografia.

A leitura do texto de Ferrez permite identificar rapidamente um conjunto significativo de temas, suportes e meios essencialmente ligados à fotografia, o que, anos mais tarde, vira a contribuir com a sistematização das pesquisas. Os daguerreótipos da Coleção Príncipe D. Pedro de Orleans e Bragança, onde se destaca a iniciativa e interesse pioneiro de D. Pedro II em relação à fotografia, são particularmente importantes para se observar aspectos da

cidade do Rio de Janeiro, em 1840. Desta mesma coleção, distingue-se também as *Cartes de Visite*, difundidas em meados do século 19 e que aqui aparecem marcadas na fala de Victor Meirelles, professor de pintura histórica na Academia Imperial de Belas Artes – AIBA, para quem o uso da fotografia era instrumento de grande valia aos artistas, na medida em que contribuía ao processo de realização de retratos. Segundo Meirelles: “Trata-se da arte de fazer um retrato a óleo, de dimensão natural (...), a fim de obter-se unicamente um retrato nas dimensões de um cartão de visita, que depois serve para a reprodução em grande, sobre papel ou diretamente sobre a tela” (Ferrez, 1953; 185). Outro aspecto de destaque ao conjunto são as fotografias de grandes eventos para a história do país, como a Inauguração da Estátua de D. Pedro I, em 1862; a Missa Campal do Campo de São Cristóvão, em ação de graças pela Abolição, em 1888; A Princesa Isabel e o Conde d’Eu, da sacada do Paço, aclamados pela multidão após a assinatura da lei de 13 de maio, em 1888. Trata-se do que a pesquisadora Anna Maria Mauad viria a denominar de ‘Fotografia Pública’ (Mauad, 2013).

É preciso destacar, no entanto, que se há um cuidado por parte de Ferrez em caracterizar uma certa pluralidade associada à fotografia, atribuindo nuances particulares aos seus usos e funções, o enfoque do autor reside nas paisagens e vistas ligadas aos centros urbanos e conjuntos edificados. Das cidades históricas de Minas Gerais, nas ruas de Diamantina, ladeiras, praças e vistas de Ouro Preto; da antiga capital do Brasil, Salvador, com seus casarões ao longo do cais e acessos à cidade alta; do antigo centro açucareiro, o Recife, nas suas pontes sobre o Rio Capibaribe, em seu porto e ruas comerciais; do nascente centro econômico, São Paulo, com suas ladeiras, largos e ruas de comércio; e do Rio de Janeiro, centro político do país, com sua Bahia de Guanabara, suas praças e passeios públicos, a narrativa apresentada por Ferrez é um claro retrato da política de preservação do IPHAN. A narrativa não apenas assinala o que alguns autores já destacaram quanto aos tombamentos realizados pelo IPHAN (Rubino, 1991; Fonseca, 1997), mas é evidência da política posta em prática na chamada ‘fase heroica’. De maneira semelhante, é significativa a apresentação de fotografias que retratam de forma isolada alguns edifícios das principais capitais brasileiras. O Prédio da Praça do Comércio e o Paço Municipal, em Salvador; o Liceu Paraense e o Teatro da Paz, em Belém; a Cadeia Velha e O edifício da Assembleia Provincial e da Câmara Municipal de São Paulo; a Estação Ferroviária de Campinas; o Mercado Público de Porto Alegre são alguns dos edifícios retratados particularmente e de forma isolada de seu contexto urbano. Nestes casos, prevalece uma narrativa associada ao objeto arquitetônico, o que muito condiz com as iniciativas pioneiras do IPHAN, que privilegiaram o patrimônio material, a arquitetura por excelência, em seus tombamentos. Assim, ao mesmo tempo em que este texto, publicado quase duas décadas depois da criação do IPHAN, assinalava uma política que vinha sendo posta em prática por este Instituto, ele marcava, uma vez mais, o caminho a ser seguido por seus servidores.

O intuito de servir como referência e baliza às pesquisas dedicadas ao patrimônio brasileiro não é apenas assinalado ao longo do texto apresentado por Ferrez. A primeira página o texto refere-se a uma nota introdutória, uma ‘Advertência’ aos leitores, deixando claro o objetivo de

seu trabalho, que buscava colocar em evidência os *'artistas fotógrafos'* e suas fotografias pelo seu *'valor iconográfico'*. Neste último aspecto, vale assinalar que não se tratava apenas do valor artístico das obras produzidas pelos fotógrafos, mas de um valor documental essencial aos serviços dos peritos do patrimônio. Este aspecto fica evidente quando Ferrez solicita aos leitores que, caso tenham velhas fotografias de cidades, prédios, fazendas, engenhos, paisagens e etc. que “comuniquem com êle (sic) ou com os museus, bibliotecas, arquivos públicos e especialmente a Diretoria do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional, a fim de que se possa empreender o levantamento de quanto ainda existe” (Ferrez, 1953 b; 169). É notável, portanto, que esta publicação não apenas organizava bases referenciais para as pesquisas e tombamentos, mas que visava à sistematização de um referencial ainda mais amplo e capaz de abranger o patrimônio em todo território nacional. *'A fotografia no Brasil'*, antes de ser uma obra pioneira para os estudos da fotografia, é, sem sombra de dúvidas, uma publicação estruturante para os trabalhos ligados à preservação no Brasil.

2. O número 27 da Revista do IPHAN

No ano de 1998, o IPHAN lançou o número 27 de sua revista dedicado integralmente à fotografia (Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1998). Pela segunda vez em sua história, o Instituto abria espaço em sua revista para reflexões em torno deste tema, organizando uma nova publicação referencial, que viria a servir de baliza para as pesquisas dedicadas às relações entre fotografias e patrimônios. Gilberto Ferrez e seu texto *'A fotografia no Brasil'* são lembrados em artigo que abre a publicação, reforçando, desta maneira, a importância de sua ação pioneira para com os estudos ligados à fotografia e ao patrimônio. Sinaliza-se, assim, para a importância do trabalho precursor de Ferrez, e, ao mesmo tempo, identificando-o como obra do passado.

Esta não foi a primeira vez em que o texto de Ferrez foi tomado em tom memorialista ou um caráter desvinculado do presente. O texto *'A fotografia no Brasil'* havia acabado de ser republicado no número 26 da Revista do IPHAN (Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1997). Com o objetivo de comemorar os 60 anos da criação deste Instituto, os editores optaram por republicar textos seminais para o patrimônio, com comentários pontuais sobre seus conteúdos e desdobramentos. Dos textos escolhidos, reafirma-se a narrativa heroica do patrimônio, podendo-se destacar o *'Programa'*, escrito por Rodrigo Melo Franco de Andrade no primeiro número da revista; *'O alpendre nas capelas brasileiras'*, de Luis Saia e publicado no terceiro número; *'A arquitetura dos jesuítas no Brasil'*, de Lúcio Costa e publicado no quinto número; *'Casas de residência no Brasil'*, de Gilberto Freire e publicado no sétimo número; ou o trabalho *'A fotografia no Brasil'*, de Gilberto Ferrez, publicado no décimo número. Primeiramente, é notável que o texto de Ferrez tenha sido identificado como um dos mais importantes já publicados por esta revista, atribuindo-lhe um valor de destaque à trajetória deste Instituto. Por outro lado, compreende-se que uma vez localizado o texto de Ferrez junto a este conjunto associado ao passado, o número 27 da Revista IPHAN teria

surgido como uma necessidade de revisão do campo disciplinar da fotografia no Brasil, especialmente na sua relação com o patrimônio.

Maria Inez Turazzi, organizadora responsável pelo número monográfico da Revista do IPHAN, deixa claro este tom de reordenamento em torno da fotografia ao identificar que este número seria "... um mosaico de escolhas particulares, onde o conjunto das peças indicadas é que define o desenho imaginado para este número, ou seja, a configuração no Brasil de uma cultura fotográfica...", que se expressaria em seus "usos e funções" (Turazzi, 1998). Dispensava-se, portanto, a narrativa em torno dos arquivos e coleções fotográficas essenciais às pesquisas do patrimônio, como apontado em 'A fotografia no Brasil'. Com esta mudança de perspectiva, passava-se a dar ensejo a uma narrativa plural e diversificada, onde a fotografia já não era mais identificada apenas como documento iconográfico de um bem histórico, mas objeto ativo e intrínseco a uma cultura. Tratava-se, portanto da reorganização de todo um campo de pesquisa e, em especial, de uma redefinição do papel da fotografia na relação com o patrimônio, mudança que é fruto de uma série de ações que ocorreram ao longo das décadas anteriores.

Mais de vinte anos depois da publicação do artigo de Gilberto Ferrez, os estudos direcionados à fotografia começaram a ganhar corpo no Brasil. Os trabalhos de Boris Kossoy, em que aborda o pioneirismo de Hercules Florence (Kossoy, 1976), os debates sobre a origem da fotografia e seus usos como fonte histórica (Kossoy, 1980a; 1980b) e a relação da fotografia com a cidade de São Paulo (Kossoy, 1984; 1988); assim como os trabalhos de Pedro Vasquez sobre a fotografia no século XIX (Vasquez, 1985; 1987; 1990) são marcos importantes daquele período, onde se identifica abordagem e estrutura próximas ao que Ferrez propusera em seu artigo de 1953. Tratava-se, portanto, da reafirmação do trabalho publicado na Revista do IPHAN, revisitando-o em tempo presente. Nas publicações de Kossoy e Vasquez nota-se, por outro lado, uma predileção por uma narrativa em torno dos fotógrafos enquanto autores, como Hercules Florence, Victor Frond, Marc Ferrez, Augusto Malta, Guilherme Gaensly, Militão Augusto de Azevedo e outros. Entoada pelos primeiros historiadores da fotografia, esta narrativa encontra paralelo com o desenvolvimento contemporâneo, no Brasil, de uma fotografia autoral, alcançando espaço no interior dos museus (Costa, 2008), estruturando-se em torno de agências de fotógrafos, galerias e arquivos (Mauad & Louzada & Souza Júnior, 2014), assim como instituições dedicadas à promoção de políticas nacionais, como é o caso do Instituto Nacional da Fotografia – INFoto, criado no ano de 1984. Este mesmo INFoto, sob direção do próprio Pedro Vasquez, foi responsável pela republicação, em 1985, do artigo de Ferrez, agora em livro de maior formato, com qualidade gráfica superior e conteúdo ampliado (Ferrez, 1985). Assim, ao mesmo tempo em que os fotógrafos desenvolviam seus trabalhos, ainda muito associados ao fotojornalismo, organizava-se um referencial histórico, uma origem também calcada na autoria para seus trabalhos contemporâneos. Esta narrativa em torno dos fotógrafos é ainda hoje muito latente, mas, no início dos anos 1990, outras temáticas foram incorporadas às narrativas da fotografia.

Se alguns autores passaram a desenvolver trabalhos focados em determinadas tipologias documentais ou assuntos específicos, como no trabalho “Escravos brasileiros do século XIX na fotografia de Christiano Jr.” (Azevedo; Lissovsky, 1988) ou em “O Cruzeiro: a revolução da fotorreportagem” (Peregrino, 1991), o trabalho de Annateresa Fabris (Fabris, 1991) é um marco icônico da mudança de narrativa em torno da fotografia. Em ‘Fotografias: usos e funções no século XIX’, Fabris organiza uma publicação que minimiza o lugar dos autores fotógrafos, privilegiando, por outro lado, os circuitos sociais da fotografia. Assim, debate-se não apenas as repercussões sociais da invenção da fotografia em si, com seus desdobramentos para distintas disciplinas, mas como ela foi utilizada, por quem e com quais dinâmicas sociais. Os álbuns fotográficos, manuais de fotografia, a fotografia de arquitetura, a sua relação com as artes plásticas, a fotografia de paisagem e a fotografia nas revistas ilustradas são alguns dos temas abordados pelos textos reunidos neste livro. Organizava-se, assim, uma mudança no enfoque dos estudos associados à fotografia, identificando o trabalho de Ferrez como uma abordagem já superada. A publicação do número 27 da Revista do IPHAN, dedicada ao tema da fotografia, é, portanto, decorrência da identificação de que o trabalho de Ferrez já não daria conta da complexidade e diversidade de abordagens em torno da fotografia. No entanto, é preciso destacar que mudanças significativas na política patrimonial do IPHAN também foram elementos importantes para o desenvolvimento de uma nova reflexão em torno da fotografia.

A Revista do IPHAN serve como baliza para a sinalização da mudança da política patrimonial deste Instituto, uma vez que desde o seu número 20, de 1984, vinha apresentado trabalhos monográficos em torno de temas como a questão indígena, a cidade, a cidadania e o negro. Através destes números da Revista do IPHAN, pode-se identificar a própria mudança na política patrimonial, onde o Patrimônio Imaterial, já sinalizado a partir da gestão de Aloísio Magalhães (Marins, 2016), ganhava destaque nos trabalhos. Esta mudança nas abordagens da política patrimonial pode ser identificada nos artigos apresentados pelo número especial dedicado à fotografia, uma vez que seriam destacados temas como o trabalho, a representação urbana, a antropologia e a natureza. Abria-se espaço para uma reflexão que pensava a fotografia não apenas como suporte documental para a representação de manifestações culturais, mas, em certa medida, como objeto de interesse em si. Estas mudanças nas abordagens têm um significativo valor para as pesquisas em torno da fotografia, uma vez que a ampla difusão da Revista do IPHAN permitiu uma mudança notável nas pesquisas brasileiras, em museus, bibliotecas, centros culturais e universidades. Da mesma maneira, o IPHAN, ainda que mantendo uma necessidade de documentação da materialidade dos bens tombados, pôde se ancorar em reflexões contemporâneas para suas pesquisas ligadas ao patrimônio, desta vez, mais próximas ao imaterial.

3. O número 4 dos Cadernos de Pesquisa e Documentação do IPHAN

A terceira publicação editada pelo IPHAN, na qual o tema da fotografia aparece como questão central, refere-se ao número 4 dos Cadernos de Pesquisa e Documentação do IPHAN, com o subtítulo “A fotografia na preservação do patrimônio cultural: uma abordagem preliminar” (IPHAN, 2008). Esta publicação é de edição simples, com alguma riqueza de imagens, mas todas elas impressas em preto e branco. Como indicado no próprio nome da publicação, trata-se de um caderno de pesquisa, que busca organizar e sistematizar entendimentos e abordagens para as atividades internas dos servidores do IPHAN. Logo na apresentação desta publicação, Lia Mota, coordenadora geral do setor de Pesquisa, Documentação e Referência do IPHAN, deixa claro que esta publicação se insere num conjunto maior de ações que visam ao fortalecimento e ampliação desta área, que teve início nos primeiros anos da década de 1980. Identifica-se, portanto, que, ao mesmo tempo em que o IPHAN passou a incorporar outras abordagens patrimoniais a partir dos anos 1980, como a noção de patrimônio imaterial, foi também responsável por uma ação mais sistemática em torno da preservação de sua própria história, de sua memória. Nota-se, portanto, uma série de ações ou organismos internos que buscaram contemplar estas atividades, como o PRÓ-DOCUMENTO, em 1984; o Departamento de Identificação e Documentação - DID, em 1990; e, por fim, a Coordenação de Pesquisa, Documentação e Referência do IPHAN – COPEDOC, em 2004.

O caderno número 4 é parte de um conjunto de 5 volumes editados pelo IPHAN com claros fins de sistematização dos conteúdos e do entendimento em torno de temas específicos e imprescindíveis a um público especializado, e aos servidores em especial. O volume 1 desta série – Assentamentos Jesuíticos: territórios e significados – tratou do papel dos jesuítas na formação do território brasileiro, além do processo de patrimonialização de seu legado. O segundo volume – Rotas da Alforria: trajetórias das populações afro-descendentes na região de Cachoeira, Bahia – refere-se ao primeiro relatório de um projeto temático, que viria a resultar num livro sobre o tema. Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural, o terceiro volume da série, buscou apresentar uma versão preliminar de verbetes dedicados ao patrimônio cultural, destacando a etapa do desenvolvimento deste projeto. Por fim, o quarto volume, apresentava os resultados do Programa de Gestão Documentação do IPHAN, indicando os temas desenvolvidos e os caminhos que viriam a ser seguidos a partir daquele momento. O caderno número 4, dedicado à Fotografia, fecha este conjunto de cinco publicações, fornecendo subsídios referenciais e temáticos para as atividades de preservação e pesquisa postas em prática pelos servidores.

Se tomada esta função para as atividades do IPHAN, a narrativa apresentada pela publicação não se refere à uma sistematização ampla das possibilidades de pesquisa em

torno da fotografia. Apesar de uma aproximação mais direta sobre a relação entre fotografia e arquitetura, assinalada no artigo 'Construções mentais e imagens reais' de Pedro Vasquez, o tom que prevalece na organização deste caderno é o de revisão ou leitura do próprio arquivo do IPHAN, revelando particularidades específicas da atividade. Porém, ao contrário do que é sinalizado no subtítulo do caderno, não se trata de uma publicação dedicada à fotografia, mas aos fotógrafos do IPHAN. Neste caso, identificou-se um conjunto de 50 fotógrafos de maior relevância para o IPHAN, o que, em grande medida mas não exclusivamente, foi identificado a partir dos maior conjuntos documentais. Este direcionamento em torno dos fotógrafos faz com que esta publicação retome, em certa medida, a narrativa que Ferrez organizou em 1953, em detrimento do que já havia sido assinalado na publicação da Revista do IPHAN, de 1998. A pluralidade temática, assinalada uma década antes pelo próprio IPHAN, desaparece da narrativa apresentada por esta nova publicação. No entanto, esta mudança se relaciona com a própria intenção da COPEDOC, visando à organização dos conjuntos documentais arquivados e, assim, instruindo seus servidores na abordagem da documentação. Neste sentido, esta última publicação assume uma importância significativa, na medida em que indica o posicionamento da instituição frente a esta documentação e institui uma abordagem a ser encampada pelos seus servidores, projetando entendimentos sobre a comunidade acadêmica.

A narrativa organizada por esta edição apresenta um amplo e sistemático mapeamento das atividades dos fotógrafos, indicando quantos e quais atuaram em cada uma das regiões do país e em quais períodos determinados. Pode-se, assim, acompanhar as atividades dos fotógrafos e, conseqüentemente, onde se deu os investimentos do IPHAN no levantamento fotográfico dos bens a serem estudados e preservados, o que, em grande medida, coincide com a política preservacionista colocada em prática desde a criação deste Instituto. Outros aspectos podem ser destacados, como a identificação de que Eric Hess foi o fotógrafo mais atuante no IPHAN, tendo realizado o maior conjunto documental e percorrido 15 estados do Brasil, muitas vezes, exclusivamente. Estas informações são de grande relevância para um caderno de sistematização das atividade que viria a ser acessado nacionalmente pelos servidores, uma vez que sinaliza para a possibilidade de que este fotógrafo seria um autor provável dos documentos produzidos nestes estados ou uma importante fonte de pesquisa para as atividades. A intenção por trás deste trabalho foi, portanto, a organização de um referencial de investigação, com um olhar focado sobre o arquivo do IPHAN. Dentro desta política maior de revisão da própria trajetória e produção de uma memória para este Instituto, a fotografia ganhou, uma vez mais, destaque na narrativa da instituição.

4. Conclusão

As três publicações apresentadas, antes de mais nada, são destacadas aqui como documentos da política de preservação do IPHAN, confundindo-se, em grande parte, com a própria trajetória da reflexão em torno da fotografia no Brasil. Se por um lado a leitura destas publicações fornece uma longa narrativa da política de preservação e sua associação com a

fotografia, ela é também importante para a identificação do entendimento atribuído ao documento fotográfico nas pesquisas acadêmicas. Estas publicações, ao se apresentarem enquanto balizas para as pesquisas científicas referendadas pelo IPHAN, estabilizaram, cada uma a seu tempo, determinados entendimentos relativos à fotografia. Isto equivale a dizer que estes impressos editados pelo IPHAN são objetos ou documentos referenciais, que balizaram, em grande medida, as ações em torno do patrimônio histórico.

Esta pequena reflexão em torno destas três publicações editadas pelo IPHAN coloca em evidência estas duas tipologias documentais – o livro e a fotografia – como suportes intrínsecos à reflexão histórica ligada ao patrimônio. Se a fotografia teve lugar de destaque ao longo de toda a trajetória do patrimônio no Brasil, indicando para mudanças significativas em sua abordagem e significado, os livros ou os impressos foram também instrumentos de grande relevância para a consolidação de uma política patrimonial. Neste sentido, esta abordagem, em torno da fotografia e do patrimônio, sinaliza para a importância de se pensar sobre estas tipologias documentais, em sua relação com a história do patrimônio no Brasil. Trata-se de um problema a ser enfrentado pelos historiadores, destacando seus mais variados aspectos físicos e, também, imateriais, o que, certamente, contribuirá de maneira ímpar para os mais variados campos da história, como o da história da arquitetura.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Paulo Cesar de; LISSOVSKY, Maurício. *Escravos Brasileiros do século XIX na fotografia de Christiano Jr.* São Paulo: Ex-Libris, 1988.

COSTA, Helouise. Da fotografia como arte à arte como fotografia: a experiência do Museu de Arte Contemporânea da USP na década de 1970. *Anais do Museu Paulista (Impresso)*, v. 16, p. 131-173, 2008.

DUNCAN, Emília Beatriz. *Histórico da seção iconográfica e cartográfica do Arquivo Nacional.* Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1982.

FABRIS, Annateresa. *Fotografia: usos e funções no século XIX.* São Paulo: Edusp, 1991.

FERREZ, Gilberto. 'A Fotografia no Brasil e um de seus mais dedicados servidores: Marc Ferrez (1843-1923)'. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. N.10. Rio de Janeiro: 1953. pp.169-304. a

_____. *A Fotografia no Brasil e um de seus mais dedicados servidores: Marc Ferrez (1843-1923).* (Separata da *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Número 10*). São Paulo: Empresa Gráfica da 'Revista dos Tribunais' LTDA, 1953. b

_____. *A fotografia no Brasil: 1840-1900.* Rio de Janeiro: Funarte; Fundação Pró-Memória, 1985.

_____. 'A Fotografia no Brasil e um de seus mais dedicados servidores: Marc Ferrez (1843-1923)'. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. N.26. Rio de Janeiro: 1997. pp.294-357.

FONSECA, Maria Cecília Londres. O patrimônio em processo – trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Brasília: IPHAN, 1997.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). Coordenação-Geral de Pesquisa, Documentação e Referência. *Cadernos de pesquisa e documentação do IPHAN: A fotografia na preservação do patrimônio cultural: uma abordagem preliminar*. Rio de Janeiro: COPEDOC/IPHAN, 2008.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens. In: *ArtCultura*. Uberlândia, v.8, n.12, p.97-115, jan.-jun., 2006.

KOSSOY, Boris. *Hercules Florence, 1833: a descoberta isolada da fotografia no Brasil*. São Paulo: Faculdade de Comunicação Anhembi, 1976.

_____. *A fotografia como fonte histórica: introdução à pesquisa e interpretação das imagens do passado*. São Paulo: Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia, 1980. a.

_____. *Origens e expansão da fotografia no Brasil; século XIX*. Rio de Janeiro: Funarte, 1980. b

_____. 'Fotografia'. In: ZANINI, Walter. *História geral da arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles, 1983. Vol.2. pp.867-913.

_____. *Álbum de photographias do Estado de São Paulo, 1892: estudo crítico*. São Paulo: Kosmos, 1984.

_____. *São Paulo, 1900*. São Paulo: CBPO/Kosmos, 1988.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Fotografia e cidade: da razão urbana à lógica do consumo*. São Paulo: Mercado das Letras, 1997.

MAGALHÃES, Aline Montenegro. Entre o museu e a cidade. Um estudo sobre a Inspeção de Monumentos Nacionais (1934-1937). In: I ENAPARQ. Rio de Janeiro, 2010; <http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/59/59-748-1-SP.pdf>

MARINS, Paulo César Garcez. 'Novos Patrimônios. Um novo Brasil? Um balanço das políticas patrimoniais federais após a década de 1980'. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. Vol. 29, nº57, p.9-28, janeiro-abril 2016.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia pública e cultura do visual, em perspectiva histórica. In: *Revista Brasileira de História da Mídia*, v. vol.2, p. 11-20, 2013.

MAUAD, Ana Maria; LOUZADA, Silvana; SOUZA JÚNIOR, Luciano Gomes de. 'Anos 1980, afirmação de uma fotografia brasileira'. In: QUADRAT, Samantha Viz (org.). *Não foi tempo perdido: os anos 80 em debate*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses. Fontes Visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.23, nº45, pp.11-36, 2003.

PEREGRINO, Nadja. *O Cruzeiro: a revolução da fotorreportagem*. Rio de Janeiro: Dazibao, 1991.

RUBINO, Silvana. As fachadas da história: os antecedentes, a criação e os trabalhos do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1937-1968. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – IFCH/Unicamp, Campinas, 1991.

SCHIAVINATTO, Iara Lis; COSTA, Eduardo (orgs.). *Cultura Visual & História*. São Paulo: Alameda Editorial, 2016. (no prelo).

VASQUEZ, Pedro. *Dom Pedro II e a fotografia no Brasil*. Rio de Janeiro: Index/CIS – Companhia Internacional de Seguros/Roberto Marinho, 1984.

_____. *Aspectos da fotografia brasileira no século dezenove*. Rio de Janeiro: MAM/Depto. de fotografia, vídeo & novas tecnologias, 1987.

_____. *Fotógrafos pioneiros no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Dazibao, 1990.